Nº6223
De 14 a 28 de outubro
Ano 23

R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU @pstu_oficial

PLENÁRIA LANÇA MANIFESTO POR UMA ALTERNATIVA DE INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

VAMOS CONSTRUIR UM POLO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO PARA O BRASIL

ENQUANTO BRASILEIRO PASSA FOME,

GUEDES FATURA US$ 9,5 MILHÕES COM ALTA DO DÓLAR

PDF INTERATIVO CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE

DUPLA OFF & CHORE

> Qual país não morreu gente? Qual país não morreu gente? Qual país não morreu gente? Responda! Olha, não vim me aborrecer aqui, por favor

Bolsonaro, no dia 11/10/2021, em resposta à jornalista, quando questionado sobre o Brasil ter atingindo a marca de 600 mil mortes na pandemia.

BOL$OCARO

Carne de boi é artigo de luxo

A carne vermelha acumula alta de 30,7% em 12 meses, segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com a alta da inflação e milhões de desempregados, o consumo do alimento diminuirá em quase 14% neste ano, se comparado a 2019; ou seja, antes da pandemia. É o menor nível registrado para consumo de carne bovina no Brasil, em 26 anos, segundo a série histórica da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que teve início em 1996. A alta dos preços obriga brasileiros a procurar substitutos para a carne, mesmo que os alimentos sejam menos nutricionais. É o caso das famílias que recorrem ao pé, pescoço e miolos de galinha. Comerciantes também sentiram a alta na compra de miojos. Uma pesquisa do Datafolha aponta que 85% dos entrevistados diminuíram o consumo de algum alimento, em 2021. Destes, 67% reduziram a carne vermelha. Outros 35% citaram o arroz e feijão, base da alimentação dos brasileiros.

INFÂNCIA

nada a comemorar no dia das crianças

No dia das crianças não há nada a comemorar. No Brasil, 40% das crianças de até 5 anos estão em situação de pobreza, bem como é o 2º país com mais mortes por Covid de crianças na faixa de 0 a 9 anos. Vivemos também outro grave retrocesso. Em novembro de 2020 o déficit foi de pelo menos 1,5 milhão de vagas em creches. Durante a pandemia o Brasil perdeu 30 mil matrículas de creches públicas em um ano. Sabemos que os números são ainda maiores, pois responsáveis sequer inscrevem seus filhos em lista de espera, pois não têm mais expectativa que irão conseguir. Para o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2021, somente 37% das crianças de 0 a 3 anos frequentam a Educação Infantil. Dentre essa porcentagem, 54,3% das crianças pertencentes aos domicílios mais ricos estão em creches, se contrapondo a 27,8% das crianças mais pobres que frequentam. A lógica do sistema capitalista, ainda mais em seus momentos de crise, impede que as necessidades mais básicas da classe trabalhadora sejam atendidas. Hoje lutamos pelo direito a comer, a viver. Deste ponto de vista, neste dia da criança não só lamentamos os retrocessos como reafirmamos a importância e o significado da luta pelo direito a creche.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

editorial

Enfrentar os super-ricos para acabar com o desemprego, a fome e a carestia

Imagine você ganhar R$ 14 mil por dia sem precisar mexer um dedo. Parece loucura, mas foi quanto o ministro Paulo Guedes faturou só neste período em que está à frente da Economia, através da empresa que mantém num paraíso fiscal nas Ilhas Virgens Britânicas. Desde 2019, Guedes viu seu dinheiro crescer R$ 14 milhões nessa conta secreta. E o pior, essa grana foi bombada com a própria política que Guedes impõe.

A subida do dólar se reflete, para a imensa maioria do povo, na comida mais cara, como o arroz e a carne, além da gasolina. Reflexo do processo de recolonização do país e da nossa posição subserviente frente ao imperialismo. Mas enche os cofres dos bilionários que, como Guedes, deixam seu dinheiro nos paraísos fiscais que, além de tudo, é totalmente livre de impostos. A política econômica do governo, ao mesmo tempo que provoca cenas como a de famintos disputando ossos e carcaças, turbina os lucros dessa gente que vê, da tela do seu celular, sua fortuna se multiplicar.

Enquanto isso, o Brasil real convive com o desemprego em massa. São 92 milhões de pessoas sem trabalho, sobrevivendo através de bicos ou na informalidade. Segundo levantamento da Fundação Getulio Vargas (FGV), a renda média dos brasileiros despencou quase 10% desde o final de 2019. Entre a metade mais pobre, esse tombo foi o dobro: 21,5%.

Enquanto a fome e a miséria avançam, Bolsonaro veta até mesmo a distribuição de absorventes às mulheres pobres, dizendo que não tem dinheiro. Mas para os super-ricos não é assim. Só as grandes empresas devem se beneficiar, este ano, de R$ 315 bilhões em isenções de impostos. Isso equivale a todo o valor pago no auxílio-emergencial a 67 milhões de pessoas no ano passado, ou dez vezes o Bolsa Família.

O dólar nas alturas, o imposto regressivo, o desemprego em massa, a precarização provocada pela reforma trabalhista e a queda na renda condenam milhões de famílias à pobreza e até mesmo à fome. E beneficia principalmente os super-ricos, aqueles que estão à frente das grandes empresas que no Brasil (considerando aquelas que empregam mais de mil funcionários) somam pouco menos de 4 mil proprietários. Ou 0,1% da população.

Desse estrito universo de grandes burgueses, pode-se destacar um núcleo ainda mais exclusivo: as 388 empresas cotadas na Bolsa que, juntas, detêm R$ 5,5 trilhões. Mais de 70% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) do país! Estão aí os 315 bilionários do Brasil que se enriquecem cada vez mais, enquanto metade da população sofre com algum tipo de restrição alimentar, ou seja, sequer consegue comer o que precisa para se manter.

TIRAR DOS SUPER-RICOS

Para enfrentar o desemprego, a fome e a carestia, é preciso enfrentar os privilégios dos super-ricos. Só reduzindo a jornada de trabalho para 30 horas semanais seria possível zerar o desemprego em massa em nosso país. Sem diminuir os salários, duplicaríamos o PIB, ou seja, a produção de riquezas.

Simplesmente cobrar os impostos das grandes empresas que hoje são desoneradas possibilitaria retornar o auxílio-emergencial de R$ 600,00. Mas precisamos de muito mais. Um imposto progressivo sobre as grandes fortunas dos 315 bilionários, variando de 1% a 10%, daria R$ 140 bilhões ao ano, o equivalente a todo o valor gasto com educação em 2021.

É preciso, nesse sentido, impor um imposto realmente progressivo, isentando do Imposto de Renda os que ganham até dez salários mínimos e taxando fortemente os grandes lucros e dividendos, que hoje não pagam nada. Assim como suspender o pagamento da dívida aos banqueiros, proibir as remessas de lucros para fora (as multinacionais enviaram R$ 1,5 trilhão de 2011 a 2020) e reestatizar as empresas privatizadas, a exemplo da Vale, retomando as ações da Petrobras que hoje estão nas mãos de grandes acionistas estrangeiros, acabando com a paridade do preço em dólar e reduzindo o custo do combustível (ao mesmo tempo, investir em energia renovável).

É preciso, enfim, girar a economia para atender as necessidades da população, e não de um punhado de grandes empresas e bilionários, menos de 0,1% da população, como é hoje.

MUDANÇA NÃO VIRÁ JUNTO COM A BURGUESIA

Não estamos todos no mesmo barco. A comida cara no supermercado significa pobres disputando ossos e bilionários do agro e do setor financeiro, como Guedes, contando mais dinheiro. Por isso, é impossível enfrentar essa situação sem se contrapor aos interesses dessa gente. E é também por isso que o projeto de frente ampla com a burguesia, capitaneado por Lula, juntamente com o centrão e demais setores da direita, com o apoio da direção do PSOL, não vai mudar nada.

Lula já disse que seu “sonho” seria ter o banqueiro Meirelles novamente à frente da Economia. Já afirmou ser contra a taxação dos ricos. Ou seja, seu programa de governo não vai enfrentar sequer as questões mais urgentes, o que dirá os problemas históricos como o desemprego ou até mesmo o saneamento básico, que as gestões petistas, inclusive, não tocaram.

É preciso construir e fortalecer um projeto socialista e revolucionário de país. Que coloque, nas lutas e nas eleições, uma perspectiva de real mudança social, com o enfrentamento do desemprego, da carestia, da fome, defendendo os serviços públicos. Um projeto independente da classe trabalhadora. É para isso que está a serviço o Polo Socialista e Revolucionário, cujo manifesto foi lançado no último dia 7 de outubro (Leia mais nas páginas 8 e 9). O PSTU faz parte deste polo, faça parte desta luta também!

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3AD3RHQ

ESCÂNDALO

Enquanto população passa fome, Paulo Guedes fatura milhões de dólares no exterior

DA REDAÇÃO

As revelações dos chamados “Pandora Papers”, nome dado para um megavazamento de documentos de contas localizadas em paraísos fiscais, envolvendo autoridades de pelo menos 35 países, atingiram em cheio o atual ministro da Economia, Paulo Guedes, e, também, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.

O episódio, resultante do trabalho realizado pelo Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ), é um exemplo de como a política econômica de Guedes, ao mesmo tempo em que gera cenas como a disputa por ossos e carcaças no Brasil, engorda cada vez mais sua fortuna nas Ilhas Virgens Britânicas.

A empresa aberta por Paulo Guedes, em 2019, no paraíso fiscal localizado no Mar do Caribe, faturou, só durante a sua gestão no governo, o equivalente a R$ 14 milhões, totalizando, hoje, quase o equivalente a R$ 52 milhões. Ou 9,5 milhões em dólares. Já Roberto Campos Neto tem quatro empresas em paraísos fiscais.

Quanto mais o dólar sobe e o real se desvaloriza, mais rico Guedes e Campos ficam. Curiosamente, Paulo Guedes sempre foi um ardoroso defensor do câmbio valorizado. Quando o dólar estava baixo, o ministro chegou a reclamar, dizendo que “até empregada doméstica estava indo para Disney”, pra fazer “uma festa danada”.

A maioria do povão pode até não saber, mas dólar alto, numa economia cada dia mais dependente, encarece o preço do combustível, do gás de cozinha, de grande parte dos alimentos (como o arroz e a carne), que são produzidos para exportação e cotados na moeda norte-americana. O processo que gera as cenas de legiões de famintos roendo ossos e carcaças de frango é o mesmo que faz com que a fortuna de Guedes aumente no exterior.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3J2Z81H

OPERAÇÃO ABAFA

Enquanto Guedes fica rico à custa da fome, muita pouca atenção tem sido dada pela grande mídia para o caso. Qual é a razão para isso? Afinal, Guedes comanda uma das maiores economias do mundo e o fato de se beneficiar diretamente com a política que ele próprio implementa seria o suficiente para estar, por dias, nas manchetes dos jornais e na TV.

O fato é que esse pessoal também compartilha do mesmo expediente: esconde dinheiro no exterior pra não pagar imposto. Assim, não querem que seus podres venham à tona na esteira das revelações. Outro motivo é que essa turma defende a política econômica de Guedes, como o fim dos direitos trabalhistas e da aposentadoria, o desmonte dos serviços públicos e as privatizações. Em resumo, o caso escancara o caráter entreguista e parasitário da burguesia brasileira.

LOBO TOMANDO CONTA DO GALINHEIRO

No governo Bolsonaro, quem faz a festa é Guedes e toda a turma que mantêm fortunas em paraísos fiscais. E, se depender da vontade do ministro e deste Congresso Nacional, vai continuar sendo uma festa de arromba.

A proposta da tributação das “offshores” (leia mais no box abaixo) acabou de ser retirada da alteração da tabela do Imposto de Renda que tramita no Congresso Nacional, num acordo entre o Ministério da Economia e o relator do tema, o deputado Celso Sabino (PSDB-PA).

Não é difícil entender a razão porque esse pessoal quer proteger a grana nos paraísos fiscais. São escoadouros naturais de dinheiro vindo da corrupção, do tráfico, das milícias e toda sorte de crimes praticados por aqueles que não compõem as estatísticas dos mortos pela polícia ou da cada vez maior população carcerária. Ou simplesmente bilionários que não querem pagar nem mesmo o irrisório imposto que pagariam no Brasil.

SÓ OS POBRES E A CLASSE MÉDIA PAGAM IMPOSTOS

Quem paga imposto no Brasil não é o rico, o grande empresário, o “empreendedor”; mas a população mais pobre e a classe média, que arcam com uma grande carga tributária sobre o consumo. Aqui, o rico e empresário conta com benefícios fiscais ou simplesmente sonega, esperando algum perdão do governo, com algum tipo de Refis (programa de recuperação fiscal).

Só em 2020, foram R$ 346,6 bilhões em benefícios fiscais e tributários. Mais que os R$ 322 bilhões pagos no auxílio-emergencial a 67 milhões de pessoas durante a pandemia. Já para este ano, está prevista a renúncia de R$ 456,6 bilhões, segundo levantamento da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil, a Unafisco. O equivalente a 5,9% do PIB, ou mais de 10 vezes o valor destinado para o “Bolsa Família” ou para as verbas somadas da Saúde e da Educação.

Mesmo com esse verdadeiro presente, bilionários como Guedes e Campos Neto simplesmente preferem esconder seu dinheiro nos paraísos fiscais a pagar um mínimo de imposto sobre suas fortunas.

RAPINA

Brasil vira colônia, enquanto a fortuna dos bilionários aumenta

No entanto, o processo que faz com que Guedes, Campos Neto e tantos outros bilionários enriqueçam com a fome e a miséria no país não se resume a uma questão cambial.

Este é apenas um aspecto de algo que este governo vem acelerando: a transformação do Brasil em uma colônia, que faz com que o país retroceda à posição de um mero exportador de produtos agropecuários e demais "commodities"; ou seja, produtos que servem como matéria-prima, como minério de ferro ou petróleo, e são produzidos visando à exportação. O câmbio apenas facilita isso (os produtos aqui ficam mais baratos lá fora) e faz com que esses setores lucrem mais.

O resultado é a expansão das fronteiras agrícolas para a plantação, por exemplo, de mais soja, cana-de-açúcar e milho, que avançam sobre as áreas indígenas e quilombolas, ou para a criação de pastos. Gados criados preferencialmente para a exportação, por sua vez, vão precisar consumir mais ração, à base de soja e milho, o que encarece também esses produtos, aqui.

MENOS COMIDA E PREÇOS MAIS ALTOS

Outro resultado foi que a expansão desses cultivos acabou diminuindo a produção de alimentos no país. Em 2020, no Brasil, a soja ocupava uma área de 37,1 milhões de hectares, algo maior do que o território da Alemanha, correspondendo a cerca de 45% da área colhida com todas as culturas do Brasil. Mas, enquanto os campos de soja cresceram, o cultivo de arroz diminuiu em 64% e o de feijão reduziu em 37%. Isto num período em que a população brasileira mais que dobrou, segundo o IBGE/PAM (Produção Agrícola Municipal) – 1974-2020.

Por fim, o preço de todo esses produtos é definido nas bolsas de valores, afim de serem utilizados para a especulação no mercado internacional.

Isso sem falar no petróleo produzido pela Petrobras, também submetido ao regime de preços cotados em dólar no mercado internacional. O dólar sobe, os acionistas em Nova York, que detêm a maior parte da empresa, se enriquecem. E Guedes, por tabela, ainda fatura alguns milhões de dólares. Enquanto isso, o trabalhador precarizado do Uber, do Ifood! etc., se vê obrigado a abandonar o bico por não conseguir pagar pela própria gasolina.

BURGUESIA BRASILEIRA É SÓCIA-MENOR

A recolonização é comandada pelo próprio capital internacional e tem a burguesia brasileira como sócia-menor. Como revela a composição das 200 maiores empresas que operam no país, segundo levantamento da revista Exame.

Além da brutal concentração de capital, que faz com que nada menos que metade dos bens e serviços produzidos aqui estejam nas mãos dessas 200 grandes empresas (cujo valor alcançou, em 2019, R$ 3,9 trilhões, equivalente a 53,7% do PIB), apenas 33 delas têm capital 100% nacional, e são as que ficam com a menor fatia do mercado: 17%. Enquanto isso, 90 empresas com capital estrangeiro abocanham a maior parte, 45%, e o restante fica com 77 empresas mistas.

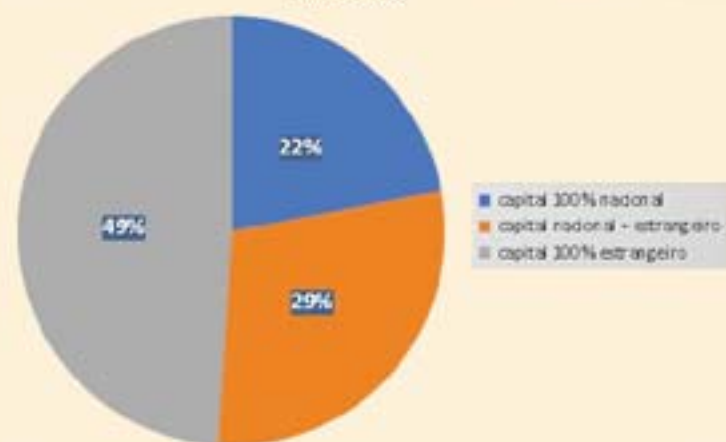
O capital estrangeiro comanda os principais setores da economia, da indústria automobilística aos setores extrativistas. Lucram com a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros, se beneficiam dos bilhões em isenções e benefícios fiscais, enquanto comandam, com a colaboração da burguesia nacional, a reprimarização (desindustrialização e maior valorização dos produtos primários, minério e agrícolas) do país e sua regressão a uma colônia.

A gasolina mais cara, aqui, o alto preço dos alimentos e demais matérias-primas, a consequente carestia e o desemprego se transformam em mais lucros para meia dúzia de bilionários.

Essa é a política econômica de Bolsonaro e Paulo Guedes: entregar o país de vez ao imperialismo, aprofundar a exploração em prol principalmente dos lucros dos grandes grupos privados estrangeiros, enquanto aceleram esse processo de recolonização.

A RECOLONIZAÇÃO BRASILEIRA

Recolonização: Gráfico mostra como produtos básicos (que não têm tecnologia envolvida ou acabamento, como minerais, frutas, grãos e carnes, por exemplo)superaram a exportação dos manufaturados.

TUDO DOMINADO PELO CAPITAL ESTRANGEIRO

Acima é possível ver que a economia brasileira é totalmente dominada pelo capital estrangeiro.

SAIBA MAIS

O que é um paraíso fiscal?

Paraíso fiscal é um território que oferece às pessoas físicas ou jurídicas vantagens "legais" e fiscais para facilitar a transferência de parte de seu dinheiro para aquele destino. Nessas locais é muito fácil iniciar um negócio. Eles não exigem informações sobre a origem do dinheiro e outros ativos; impõem pouca ou nenhuma carga tributária; possuem leis que dificultam a identificação dos proprietários dos ativos depositados e não fornecem informações financeiras às autoridades fiscais de países estrangeiros.

Assim, um empresário pode ter dinheiro ou propriedade em um país, mas declarar esse patrimônio, legalmente, em nome de uma rede de empresas "offshore"; ou seja, sediadas em outros países. Essas empresas "fantasmas", que não têm escritórios nem funcionários, servem apenas para "lavar" e movimentar os bens depositados. As empresas "offshore" são administradas por outras empresas que se encarregam de fornecer endereços ou lista de diretores, ou o que for necessário para manter a fachada legal.

Este mecanismo é muito eficaz para esconder dinheiro ou qualquer outro patrimônio, na maioria das vezes oriundo do crime ou da corrupção. Não é por acaso que os países que sediam estas empresas são chamados, pelos capitalistas, de "paraísos".

É quase impossível calcular quanto dinheiro está escondido nestes paraísos fiscais. Mas o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ), responsável pela investigação dos "Pandora Papers", estima que algo entre US$ 5, 6 trilhões e US$ 32 trilhões estão escondidos neles. Já especialistas estimam que 10% do PIB mundial está escondido em paraísos fiscais.

"COMUNISTAS CONTRA STALIN"

O legado de uma geração heroica

BERNARDO CERDEIRA, DE SÃO PAULO (SP)

Trágico. Brutal. Comovedor. Inspirador. Todos esses adjetivos, e muitos mais, se aplicam ao livro "Comunistas contra Stalin: massacre de uma geração" que a Editora Sundermann acaba de publicar, pela primeira vez em língua portuguesa.

Em suas páginas, o historiador francês Pierre Broué (1926-2005) conta uma história, até agora, ignorada ou minimizada pelos historiadores, mesmo aqueles que se reivindicam marxistas: a resistência heroica dos comunistas, especialmente os da Oposição de Esquerda trotskysta, contra a ditadura stalinista.

Broué diz que é "uma história que foi zelosamente ocultada durante mais de meio século". Mas, quem se ocupou com tanto zelo dessa operação de ocultamento? É claro que, acima de todos, estava o stalinismo. Ao calar as vozes da Oposição e ocultar o massacre, Stalin buscava apresentar-se ao proletariado de todo o mundo como o herdeiro da Revolução de Outubro e único representante do comunismo, para defender mais facilmente os privilégios da casta burocrática.

Mas, o stalinismo não era o único interessado. O imperialismo e seus ideólogos sempre trataram de ocultar essa história. Assim, esperavam apresentar a contrarrevolução stalinista como continuidade do regime soviético, dirigido pelo Partido Bolchevique de Lênin e Trotsky, e identificar a ditadura stalinista com o comunismo, para desprestigiar este último.

A CONTRARREVOLUÇÃO STALINISTA

O livro de Broué desmente tudo isso. Mostra, apoiando-se em dados dos arquivos soviéticos, que não houve continuidade entre o Partido Bolchevique de Lênin e o Partido Comunista de Stalin; mas, sim, uma ruptura brutal provocada pela burocracia stalinista que exterminou a maioria da vanguarda revolucionária que dirigiu a Revolução de Outubro e lutou na Guerra Civil.

De acordo com os arquivos soviéticos, durante 1937 e 1938, a polícia secreta, chamada NKVD (sigla em russo para Comissariado do Povo para Assuntos Internos), deteve 1.548.366 pessoas, das quais 681.692 foram executadas. Mas, historiadores calculam que as execuções ultrapassaram 800 mil pessoas, a maioria delas, comunistas. Isso sem contar centenas de milhares que morreram de fome, frio e doenças nos campos de concentração na Sibéria ou que desapareceram sem deixar registros.

"UM RIO DE SANGUE"

Entre o partido dirigido por Lênin e o aparelho burocrático de Stalin há, na expressão usada por Trotsky, "um rio de sangue" derramado por essas centenas de milhares de revolucionários e revolucionárias assassinados. O stalinismo é o contrário do bolchevismo.

Mas, o livro de Broué vai muito além da denúncia. Mostra que, mesmo derrotados e confinados nos campos de concentração, mais de 30 mil trotskistas, segundo admitiu o próprio Stalin, continuaram resistindo e defendendo seu programa até o fim.

Broué mostra que Oposição de Esquerda tinha uma estratégia e um programa alternativos, em termos globais, ao stalinismo, baseados na experiência da Revolução de Outubro e que se apoiavam no marxismo e na confiança no proletariado mundial. Era um programa oposto pelo vértice ao programa da burocracia.

Esse programa partia da análise do processo de burocratização do Partido Comunista e do Estado soviético, provocado pela derrota das revoluções europeias e o consequente isolamento da União Soviética. Além disso, o país estava devastado pela Guerra Civil e pelas invasões imperialistas, assolado pela fome e atolado em seu atraso histórico.

Isso permitiu o surgimento de uma casta burocrática de funcionários que foi adquirindo privilégios diante da penúria do país. O stalinismo foi a expressão política dessa burocracia no Partido Comunista e no Estado.

HAVIA OUTRO CAMINHO

Mas, apesar das difíceis condições objetivas, a degeneração burocrática do Estado soviético poderia ter sido evitada. A compreensão do processo de degeneração, a estratégia e o programa para combatê-la foi o que possibilitou ao núcleo da Oposição de Esquerda resistir, apesar das capitulações dos vacilantes.

A Oposição de Esquerda defendia que o único futuro possível para a União Soviética era o desenvolvimento da revolução em escala mundial. Por isso, combateu duramente a falsa teoria do "socialismo em um só país", que criou a falácia de que a Rússia, por suas peculiaridades (extensão territorial e riquezas nacionais), poderia alcançar o socialismo isoladamente.

A Oposição possuía uma moral revolucionária, uma disposição militante e uma convicção na revolução socialista mundial e no futuro do comunismo. Broué mostra que a Oposição não deixou de lutar em momento algum. Seus integrantes se organizaram na clandestinidade: primeiro nas fábricas e nos locais de trabalho e, depois, nos locais de deportação, nas prisões e nos campos de concentração.

Os militantes da Oposição divulgavam suas ideias de diferentes formas: panfletos e publicações clandestinas, que chegavam aos operários aos milhares e, depois, quando a repressão se intensificou, com publicações que circulavam de mão em mão.

O Boletim da Oposição, editado por Leon Sedov e por Trotsky, de 1929 a 1941, em Berlim e Paris, era introduzido na ex-URSS por marinheiros, funcionários do serviço diplomático, viajantes soviéticos em missões comerciais e científicas etc.

O EXTERMÍNIO DA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA

Nas prisões e nos campos, os trotskistas lutaram contra os maus-tratos com o único meio de que dispunham: as greves de fome. Foram muitas, desde a greve do Centro de Isolamento de Tomsk, em 1927, passando pela prisão de Verkh-Neuralsk, em 1931 e em 1933, e terminando com as últimas greves de fome nos campos de prisioneiros de Vorkuta e Magadan, em 1936, quando foram fuzilados aos milhares.

Broué também descreve em cores vivas como os militantes trotskistas discutiam (nas prisões e nos campos) com diferentes posições, escreviam sobre os mais variados temas e, inclusive, produziam publicações clandestinas.

Em 2018, uma descoberta extraordinária ampliou as informações do livro de Broué. Durante uma reforma na prisão de Verkh-Neuralsk, foram descobertos, sob um piso de madeira da Cela 312, 30 cadernos com documentos e publicações da Oposição de Esquerda de 1932-33. As vozes dos trotskistas soviéticos voltaram a se fazer ouvir, 85 anos depois.

UM LEGADO AS FUTURAS GERAÇÕES

Esses verdadeiros bolcheviques-leninistas, como eles mesmos se chamavam, não escreviam só para manter a moral de suas fileiras. Esperavam que as futuras gerações resgatassem suas histórias e seus exemplos. Lutaram para preservar o marxismo revolucionário diante da monstruosa degeneração burocrática e para que sua luta inspirasse os futuros revolucionários e revolucionárias.

Trotsky impediu que o stalinismo cortasse o fio de continuidade do marxismo revolucionário ao fundar a Quarta Internacional, mesmo pagando com sua própria vida. Hoje, podemos dizer que os sacrifícios de Trotsky e da Oposição de Esquerda soviética não foram em vão. Procuramos transmitir às novas gerações os seus ensinamentos e honramos esses exemplos de vidas dedicadas à revolução socialista mundial. E proclamamos que nós, os trotskistas de hoje, reivindicamos ser os herdeiros e herdeiras orgulhosos dessa tradição.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3DCO5IJ

MOBILIZAÇÃO

2 de outubro foi marcado por manifestações pelo "Fora Bolsonaro!"

É necessário se manter nas ruas e ampliar as mobilizações pela derrubada do governo, já.

DA REDAÇÃO

O "2 de outubro" foi marcado pelas manifestações pelo "Fora Bolsonaro!" em todo o país.Ocorreram protestos em mais de 200 cidades, com destaque para as grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Na capital paulista, o ato foi superior aos dois últimos protestos realizados na cidade. Com desigualdades, manteve-se a média do número de manifestantes pelo

país, com um ativismo engajado e com disposição para derrubar Bolsonaro, embora as direções tentassem imprimir um tom mais eleitoral.

"É muito importante fortalecer essa luta, porque o "Fora Bolsonaro e Mourão, já!" é a necessidade mais urgente que temos hoje, não é 2022", afirmou o Presidente Nacional do PSTU, José Maria de Almeida, o Zé Maria, durante o protesto na Avenida Paulista. "A classe trabalhadora e a juventude precisam se organizar de forma independente e lutar por uma Greve Geral, pra derrubar este governo e pra derrotar a boiada no Congresso", afirmou.

"Essa ampla unidade nas ruas, hoje, precisa alimentar o principal desafio ao qual as centrais sindicais têm que se dedicar e construir uma greve geral nesse país para parar a produção", defendeu Atnágoras Lopes, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas. "Tem que parar o financiamento de quem sustenta esse assassino e corrupto", defendeu.

NÃO TEM ARREGO

Direções precisam priorizar o "Fora Bolsonaro, já!", e não as eleições

As manifestações no dia 2 de outubro foram, em geral, expressivas, mas muito aquém do que poderiam ter sido e muito longe de expressarem a real insatisfação que cresce embaixo, contra o governo. Enquanto fechávamos esta edição, o Datafolha divulgava um novo recorde de rejeição a Bolsonaro: 59%. A crise social, o desemprego, a inflação e a consequente carestia espraiam o sentimento de indignação para além das "bolhas" da oposição, minando cada vez mais sua base social, até mesmo nos seus tradicionais redutos, como entre os evangélicos.

Os escândalos da Prevent Senior ou a revelação das contas milionárias de Paulo Guedes em paraísos fiscais, por sua vez, evidenciam a perversidade deste governo e se tornam assuntos frequentes entre a população.

O problema é que, na mesma proporção em que Bolsonaro e seu governo se veem acuados e em crise, a oposição, tanto à direita (que busca a "terceira via"), quanto a oposição capitaneada pelo PT, e por tabela pela direção do PSOL, abandonam a perspectiva de derrubá-lo pela força da mobilização. Vislumbram, isso sim, uma oportunidade para desgastá-lo eleitoralmente em 2022.

Já o conjunto majoritário da burguesia, se por um lado não confia em Bolsonaro para continuar levando adiante seu projeto de ataques e de entrega do país, num contexto de estabilidade, tampouco está disposta a partir para uma aventura de impeachment. Ainda mais porque a boiada (ou seja, as medidas como a Reforma Administrativa e a ofensiva contra os indígenas, como o Marco Temporal) continua passando pelo Congresso Nacional.

A classe trabalhadora e o movimento, por sua vez, continuam dando importantes exemplos de luta. Os indígenas acabaram de realizar sua maior mobilização na história. Os operários da General Motors de São Caetano protagonizam, neste momento, uma importante greve contra a vontade da própria direção de seu sindicato. Os servidores públicos federais lutam contra a Reforma Administrativa e, também, contra ataques em outras

esferas, como no caso dos servidores municipais de São Paulo.

As direções do movimento e a oposição parlamentar, porém, ao invés de chamarem a unificação das lutas e se jogarem, de fato, na organização de um amplo movimento pelo "Fora Bolsonaro", preparando, nas bases, uma Greve Geral, fazem o contrário: priorizam as eleições e jogam para além do horizonte qualquer perspectiva de se derrubar Bolsonaro agora. Resumem sua ação a convocar manifestações esparsas com um fim eleitoral.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/30TSJSD

VAMOS DERRUBAR O GENOCIDA

Dia 20 de novembro: todos às ruas!

Sem colocar no horizonte imediato o "Fora Bolsonaro", as manifestações contra o governo não irão crescer, por mais desgaste que Bolsonaro esteja sofrendo. É preciso que as direções que compõem a "Frente Fora Bolsonaro" e as direções das centrais coloquem, como centro, a derrubada imediata do governo. É preciso que chamem toda a unidade possível, com todos os setores que se coloquem pela derrubada do governo. O próximo dia 20 de novembro será um novo dia de lutas contra o governo e é preciso que marque essa virada.

Ao mesmo tempo, como defende Zé Maria, é preciso que a classe trabalhadora se organize de forma independente, tanto para levar adiante o "Fora Bolsonaro", como para lutar contra a boiada que segue passando no Congresso Nacional, por emprego, salário e renda, e contra a carestia.

ALTERNATIVA

Com mais de 1.400 pessoas, plenária lançou manifesto pela construção do Polo Socialista e Revolucionário

POLO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIO

ROBERTO AGUIAR, DE SALVADOR (BA)

Com mais de duas mil assinaturas coletadas, foi lançado, no último dia 7, o manifesto pela construção do polo socialista e revolucionário no Brasil. A plenária, que foi realizada pelo Zoom, contou com a participação de mais de 1.200 pessoas de todas as regiões do país.

"Fazer o lançamento do Manifesto já contendo 2 mil assinaturas é um sinal muito claro da necessidade que temos em ter e debater esta alternativa socialista e revolucionária para o Brasil", disse a professora Rejane Oliveira,

Rejane Oliveira

do Movimento de Luta Socialista (MLS), que conduziu a plenária junto com Irene Maestro, do Movimento Luta Popular, e Hertz Dias, do PSTU.

Zé Maria, presidente nacional do PSTU, pontuou que "o manifesto e a ideia

Zé Maria

da construção do polo parte da urgência nasceu frente ao cenário de barbárie que atinge o país e ao nosso povo, que tem origem e causa no capitalismo, que a tudo subjulga e submete ao seu interesse supremo, que é o lucro. É preciso acabar com o sistema capitalista, libertar nosso país das garras do imperialismo, da ganância dos banqueiros, do grande empresariado e do agronegócio".

"É preciso construir outro sistema, o socialismo. Uma sociedade governada pela classe trabalhadora, através de suas organizações e conselhos populares, onde de fato a maioria possa decidir o que e como fazer com tudo o que o nosso país tem e produz", defendeu o presidente nacional do PSTU.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Várias organizações políticas, movimentos sociais, da cidade e do campo, de lutas contra as opressões, e militantes socialistas atenderam ao chamado da construção do polo.

Todas as intervenções saudaram a iniciativa, destacaram a necessidade de unir os que defendem o socialismo como estratégia, tendo a independência de classe como critério central nesta luta, pois socialismo é confronto com a burguesia, não conciliação com ela.

"A Frente Nacional de Lutas (FNL) está orgulhosa em ser parceira nesse projeto, queremos ajudar a construir, porque não vemos outra saída para o nosso país que não seja a revolução, que a classe trabalhadora destrua esse Estado burguês e construa o socialismo. Esse país só vai ser livre o dia em que a Senzala destruir a Casa Grande", afirmou Zé Rainha, histórica liderança da luta pela reforma agrária no Brasil e dirigente da FNL.

O economista e militante do PSOL, Plínio de Arruda Sampaio Júnior falou que :

Plínio Sampaio Jr.

"A aglutinação dos socialistas é uma construção humana e vai exigir de nós a autossuperação. Acho que o maior desafio que todos nós temos aqui é sair da bolha. Todos nós temos que sair das nossas respectivas bolhas e estar a altura dos desafios históricos, para construir instrumentos políticos, para que a classe trabalhadora possa transformar as contradições em força política capaz de mudar", disse Plínio.

Sentimento de mudança e transformação compartilhado por Osmarino Amâncio, líder seringueiro no Estado do Acre,

Osmarino A. Rodrigues

que lutou lado a lado com Chico Mendes. Com toda uma torcida para que ele conseguisse superar o problema tecnológico, pois não conseguia ligar o microfone do celular, Osmarino fez uma fala emocionada pontuando que o polo socialista cumpre um papel importante, que é "fortalecer a direção revolucionária", para não deixar que ocorra no Brasil o que aconteceu em outros países, como o Chile, que teve um forte levante popular, mas faltou uma direção revolucionária para levar os trabalhadores a tomado do poder.

Já a operária e ex-candidata à presidência da República pelo PSTU, Vera Lúcia,

Vera Lúcia

afirmou que a "necessidade de se fazer uma revolução e de se construir uma sociedade socialista está relacionado à questão de resolver coisas básicas e irrenunciáveis como a fome, que sempre existiu, mas hoje ganha conotações dramáticas".

Este projeto só é possível com independência de classe frente à burguesia, algo que o PT e o Lula já abandonaram há muito tempo, como visto nos 14 anos que este partido governou o Brasil. O socialismo é enfrentamento direto com a burguesia, bem diferente do projeto de conciliação defendido pelo PT, PCdoB e pela maioria da direção do PSOL, que buscam construir através de uma Frente Ampla para as eleições de 2022.

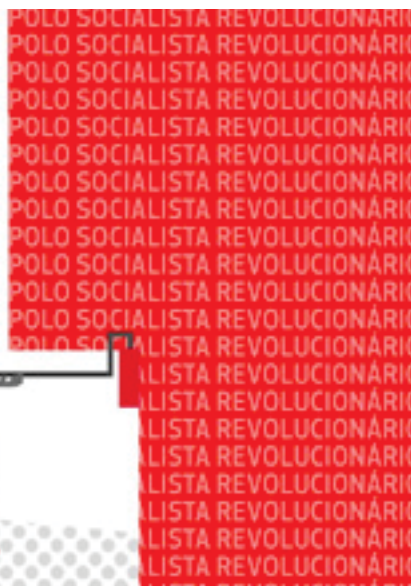
MUITAS LUTAS E MUITAS VOZES

As lutas que estão ocorrendo em nosso país se encontraram na plenária do polo socialista e revolucionário. A luta dos povos originários foi pautada na intervenção da indígena Kunã

Raquel Tremembé

Yporã (Raquel Tremembé), integrante da Articulação da Teia de Povos de Comunidades Tradicionais do Maranhão. A luta dos quilombolas foi ressaltada por Santinho, que fez uma fala direto do Acampamento Reviver Fátima Barros, no interior do Maranhão, em defesa dos povos quilombolas. Fátima Barros foi homenageada na plenária. Ela era uma quilombola guerreira do Tocantins que morreu vítima da covid-19.

Daiane Marçal, do Madre da Terra do Rio Grande do Sul, e Amaro Lourenço, da Federação de Trabalhadores Assalariados Rurais de Pernambuco, falaram sobre a luta dos agricultores rurais. Zé Rainha, liderança FNL pontuou a luta pela reforma agrária. Já o seringueiro Osmarino Amâncio

Venha construir o Polo socialista revolucionário!

Daiane Marçal

Nikaya Vidor

Jorge Breogan

destacou a luta em defesa do meio ambiente.

O combate às todas as formas de opressões também teve destaque. Verck Estrela, do Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe, ressaltou a luta contra o racismo. Nikaya Vidor, mulher trans e da Secretaria Nacional LGBT do PSTU, falou sobre a luta contra a lgbtfobia, e Marcela Azevedo, do Movimento Mulheres em Luta (MML), trouxe em sua fala a luta contra o machismo.

A luta em defesa das estatais foi destaque na fala do petroleiro Hugo Viotto, do Estado do Rio de Janeiro, e Vanessa Portugal, militante do PSTU em Minas Gerais, defendeu a reestatização das empresas privatizadas, a exemplo da Vale. Marinalva Oliveira, professora da UFRJ e ex-presidente do ANDES-SN, destacou a luta em defesa dos serviços públicos, contra a reforma administrativa que Bolsonaro quer impor (PEC 32). Jorge Breogan, do Coletivo de Artistas Socialistas (CAS), pautou a luta que os artistas têm travado por políticas públicas, frente à pandemia da covid-19.

Mandi Coelho

Mandi Coelho, estudante da USP e militante do Rebeldia – Juventude da Revolução Socialista, desconstruiu as ideologias as ideologias burguesas que a juventude cresce ouvindo e ressaltou a importância e o papel que a juventude pode cumprir na luta pelo socialismo.

"Nós crescemos ouvindo todo tipo de ideologia burguesa. Estudem que vocês terão trabalho. Empreendam que terão renda e emprego. Economizem água que isso vai preservar o meio ambiente. Mas nada disso é verdade. Nada disso se consolidou no capitalismo. Nós crescemos ouvindo isso não só pela burguesia e suas ideologias, inclusive crescemos ouvindo isso do PT. Mas tudo isso se desmancha no ar, porque nada disso é verdade no capitalismo", disse Mandi.

"Nós não fomos uma geração perdida. Estaríamos perdidos se estivéssemos isolados, sozinhos, atrás da tela do nosso celular, atrás das nossas redes sociais. Mas nós estamos aqui em uma aliança com a classe operária e trabalhadora, organizando a revolução socialista no Brasil. Construindo uma organização para disputar a consciência dos jovens para que saiam de suas bolhas e venham fazer aliança com setores da classe trabalhadora", afirmou a estudante da USP.

Plenária virtual do Polo

OS DESAFIOS DESSA CAMINHADA

'Reunir quem segue sustentando a bandeira do socialismo e da revolução'

A vitoriosa plenária foi o primeiro passo de um projeto que se inicia e está sendo construindo por diversas organizações. Diversidade que se refletiu nas intervenções realizadas, nas muitas vozes e lutas que lá se expressaram.

Representantes de diversas organizações políticas e militantes socialistas que se somaram na construção do polo.

Juca Sampaio fez intervenção representando o Movimento de Luta Socialista (MLS); Marcelo Pablito falou em nome do Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT); Maria José discursou em nome do CEDS, do Rio Grande do Sul; Richard Clayton representou o Coletivo Iniciativa Socialista; Alexander Brasil discursou em nome do Coletivo Emancipação Socialista; Nildo Ouriques falou em nome da Revolução Brasileira, corrente interna do PSOL; e a professora da UFMG, militante do PSOL, Dilene Marques, fez uma fala em defesa da construção do polo, classificando a unidade dos socialistas revolucionários como uma vertente necessária.

A construção do polo socialista revolucionário é um processo coletivo, que está em aberto. "O Manifesto que elaboramos e apresentamos aqui é o ponto de partida dessa discussão, não é o ponto de chegada. Queremos colocá-lo como contribuição ao debate, da mesma forma que outras contribuições existirão", disse Zé Maria.

"Queremos reunir todas e todas que seguem sustentando a bandeira do socialismo e da revolução, com independência de classe, para poder levá-la com muito mais força e disseminá-la no interior da nossa classe, da juventude e dos setores oprimidos da sociedade", finalizou o presidente nacional do PSTU.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3AXXJF3

TEORIA

A distribuição da riqueza no socialismo

GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)

A todo momento, nos pregam a peça de que o capitalismo é a única forma de distribuir a riqueza produzida de forma ótima e eficiente. Não haveria outra saída, dizem. Assim, tudo tem de ser produzido como capital, com a motivação de acumulação e enriquecimento. Todo universo de coisas e serviços, de algum modo úteis, têm de ser distribuídos pelo mercado. Seria este processo, de fato, eficiente?

No capitalismo há planejamento apenas na produção e oferta de mercadorias em uma dada empresa e nenhum planejamento em sua distribuição no mercado: em sua demanda social; ou seja, em relação à procura, pelo conjunto da sociedade, dos produtos e serviços necessários para satisfazer suas necessidades.

Caso as mercadorias de uma dada empresa não encontrem compradores, caso sua demanda seja menor que a esperada, trabalhadores e trabalhadoras são demitidos, de modo a readequar a produção e a oferta de mercadorias. Acontece que, ao perderem o emprego, esses trabalhadores perdem o poder de compra de mercadorias e a demanda se altera outra vez.

Cada readequação no planejamento individual de uma dada empresa provoca alterações na demanda, o que impacta todas as demais empresas. Ocorre o mesmo com as mudanças tecnológicas, que, na busca por mercadorias de menor custo, reduzem a massa de trabalhadores empregada e, assim, sua capacidade de comprá-las.

NO CAPITALISMO, UM CÍRCULO VICIOSO

Observem que esses problemas são produzidos "artificialmente" pela forma maluca na qual o capitalismo funciona. Como a demanda não é controlada por ninguém, cabe às empresas regularem a oferta, reduzindo a produção e demitindo trabalhadores. Como os trabalhadores são os principais compradores e, assim, demandantes, a "solução" do problema "produz" o problema outra vez.

Acontece que em toda forma de sociedade que existiu ou que existirá sobre o planeta há oferta e demanda. Uma quantidade de riqueza é produzida e ofertada ao conjunto da sociedade. Os membros dessa sociedade demandam uma fatia dessa riqueza para sobreviver e satisfazer suas necessidades de todos os tipos. A questão está em saber sob que forma a riqueza produzida será apropriada e distribuída, sob que forma adequar e readequar a oferta e a demanda, sempre variáveis.

NO SOCIALISMO, CONTROLE DOS PRODUTORES

Em uma sociedade socialista, a produção e a distribuição são controladas conscientemente pelos próprios produtores. A cada momento, a oferta e a demanda podem ser conscientemente ajustadas a partir da variação dos estoques de cada tipo de produto. Se os estoques de determinado produto se reduz, enquanto o de outro se eleva, pode-se realocar trabalhadores de um setor a outro, imediatamente. Tal operação não produz novos efeitos, pois em uma sociedade em que todos trabalham, sua realocação ajusta a oferta sem alterar a demanda.

Como fazer esses ajustes se, no socialismo, as relações sociais não são reguladas pelo dinheiro? Acontece que o dinheiro não é apenas um meio que viabiliza e quantifica o intercâmbio de produtos. O dinheiro é produto de um processo social, que confere poder ao seu possuidor sobre outras pessoas, um processo em que os indivíduos seguem cegamente o curso do dinheiro e da acumulação de capital sobre sua base.

No socialismo, os produtos que brotam da mão humana serão, sim, quantificados, mas pelos indivíduos e não pelo dinheiro. Para isso, serão usados critérios socialmente definidos, como a quantidade de trabalho necessária para produzir, as necessidades ambientais e naturais, as prioridades sociais etc. Cada produtor terá, certamente, cupons que lhe permitam ter acesso aos produtos sociais de sua livre escolha. Mas, teremos apenas a administração dos produtores do produto de seu próprio trabalho.

No capitalismo, como o planejamento social é impossível, a realocação de recursos apenas pode ser feita por meio da variação no preço. O preço, isto é, o dinheiro, controla as ações individuais. No socialismo, os produtores controlam os produtos e sua quantificação.

PRODUÇÃO SOCIAL X APROPRIAÇÃO PRIVADA

As principais decisões sobre o excedente da produção social serão definidas pelos próprios produtores. Quais serão as prioridades do processo produtivo? Há interesse em trabalhar um pouco mais para ter acesso há mais recursos? Apostaremos em fontes de energias alternativas ou na conquista espacial? A elevação da produtividade do trabalho terá o objetivo de elevar a produção geral de riquezas ou reduzir a jornada de trabalho?

Os produtores, por meio de conselhos eleitos, disputarão o curso futuro da riqueza que produzem no lugar de eleger o capataz de plantão nos próximos quatro anos: os guardiões do mercado capitalista.

Esta sociedade possível, no entanto, apenas se tornará realidade se a propriedade privada da produção for apropriada por aqueles que produzem, acabando com a divisão entre produção social e apropriação privada. Com objetivo de melhor determinar essa possibilidade, no próximo artigo, responderemos à questão de se a motivação individual será maior ou menor em uma sociedade assim organizada.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3DFQOQK

A FAZENDA 13

Assédio e violência contra as mulheres, ao vivo e a cores

SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU DO RIO DE JANEIRO

Nas últimas semanas, mais um episódio de machismo na TV dominou as redes sociais e sites de notícias, quando o cantor Nego do Borel (nome artístico de Leno Maycon Viana Gomes) foi acusado de abusar sexualmente da modelo Dayane Mello, durante o programa "A Fazenda", da Record.

O caso, denunciado pelos espectadores, ocorreu após uma festa, quando a modelo estava visivelmente alcoolizada, ao ponto de precisar de ajuda para vestir o pijama. No vídeo, apesar das luzes apagadas, é possível ver ambos na mesma cama e movimentos embaixo do edredom, além de ouvirmos a voz da mulher pedindo para que ele parasse. Tal ato se enquadra no crime de estupro de vulnerável, pois, nestas condições, a vítima não é capaz de consentir.

Uma semana antes, o cantor já havia tentado abraçá-la e beijá-la a força. A equipe jurídica da participante chegou a acionar a produção do programa, pedindo uma punição, o que não ocorreu. Após o segundo episódio, a pressão pública aumentou, mas a emissora ainda tentou dificultar o acesso da polícia ao local ou contato entre Dayane e suas advogadas. Foi necessário um ultimato dos patrocinadores para que a produção expulsasse Nego do Borel.

NATURALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO

Na edição exibida após o fato, a Record omitiu as cenas em que ela aparece sendo carregada, praticamente inconsciente, e na qual pede para Nego parar. A emissora, ainda, reproduziu partes de uma conversa entre a modelo e o cantor, na qual ela dizia não acreditar que tinha sido abusada.

Muitas vítimas desse tipo de agressão demoram a compreender a violência sofrida; o que, às vezes, só acontece depois de muito tempo, a partir da troca de experiências com outras mulheres ou com suporte profissional. Ao obstruir a conversa entre Dayane e suas advogadas e não lhe mostrar as gravações, a Record dificultou que ela se conscientizasse da situação, minimizando o fato e contribuindo para a naturalização da violência.

MACHISMO À SERVIÇO DO LUCRO

Nego do Borel já foi denunciado por ex-namoradas por agressão, ameaças, violência psicológica, estupro e tentativa de feminicídio. Ele nega as acusações, mas já foi indiciado e os processos seguem em aberto. Também já foi desligado de uma gravadora e teve parcerias com outros artistas canceladas após uma declaração transfóbica. Mesmo com todo esse histórico ele foi selecionado para participar do "reality".

Mas são justamente as "polêmicas" que sustentam a audiência desse tipo de programa. O ambiente todo é construído para estimular a competição e produzir conflitos entre os participantes, através do confinamento, de provas de resistência, paredões, festas e muito álcool. Pessoas com o histórico de Nego do Borel são vistas como possíveis geradoras de polêmicas e, portanto, de audiência.

A omissão da Record nos primeiros indícios de assédio é uma demontração de que o machismo é um entretenimento a serviço do lucro. No capitalismo é assim: a opressão da mulher, de várias formas, é fonte de riqueza para burguesia.

PUNIÇÃO RIGOROSA AOS RESPONSÁVEIS

O episódio de violência sexual rnão pode ficar sem resposta. Exigimos que Nego do Borel seja investigado e punido por esse crime, assim como todos demais atos de violência contra mulheres pelos quais é acusado. A direção da TV Record foi cúmplice e deve também responder criminalmente por isso.

Porém, não podemos depositar ilusões na justiça burguesa. A recente decisão unânime do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, que confirmou a absolvição do empresário André de Camargo Aranha, acusado de estuprar a modelo Mariana Ferrer, evidencia os limites do combate à violência contra as mulheres sob o capitalismo. Como instituição do Estado, o judiciário responde aos interesses burgueses. Por isso, precisamos acabar com esse sistema que se alimenta da opressão das mulheres e outros setores marginalizados e construir outra sociedade, socialista, livre de opressões e da exploração.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3AAJKTD

COVARDE

Bolsonaro vetou a distribuição gratuita de absorventes

DA REDAÇÃO

No último dia 7, Bolsonaro vetou a distribuição de absorventes higiênicos para mulheres pobres e vulneráveis. A medida, que já havia sido aprovada no Congresso como parte Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual, listava como beneficiárias as estudantes de baixa renda, matriculadas em escolas da rede pública; mulheres em situação de rua ou em situação de vulnerabilidade social extrema; presidiárias recolhidas em unidades do sistema penal e mulheres internadas em unidades para cumprimento de medida socioeducativa. Além disto, estava prevista a inclusão dos itens nas cestas básicas distribuídas pelo Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

Bolsonaro "justificou" seu veto argumentando que o texto do projeto não estabeleceu fonte de custeio. E, além de tentar ridicularizar a proposta, chamando-a de "auxílio-modess", disse mais: "Se o Congresso derrubar o veto do absorvente eu vou tirar dinheiro da Saúde e da Educação". Já a ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) não ficou atrás e também abusou do cinismo e da hipocrisia, ao defender que "hoje a gente tem que decidir: a prioridade é a vacina ou é o absorvente?".

A ação de Bolsonaro é de uma covardia monstruosa. Enquanto se nega a atender uma medida mínima de saúde pública, seu governo cede aos picaretas do Centrão, no Congresso Nacional, destinando R$ 16,8 bilhões no chamado "orçamento secreto" (que serve para comprar apoio dos parlamentares). Além de pagar R$ 22,2 bilhões em pensões militares.

CASO PREVENT SENIOR

Capitalismo não rima com saúde pública

ARY BLINDER,
DE SÃO PAULO (SP)

A CPI do Senado sobre a Covid trouxe à tona vários temas, desde a corrupção na compra das vacinas pelo Ministério da Saúde, passando pelas "fake news", promovidas por blogueiros bolsonaristas, chegando às graves denúncias contra a Prevent Senior, um plano de saúde privado focado no atendimento de pessoas com idade mais avançada.

Todos os fatos levantados pela CPI têm uma coisa em comum: a política desenvolvida pelo governo Bolsonaro e seus seguidores, que desde o início da pandemia traçaram um roteiro que não tem outro qualificativo que não seja o de genocídio consciente.

A verdade é que, se este governo tivesse aplicado uma política correta de combate à pandemia, o Brasil não teria uma média de casos e mortes 4,61 vezes maior do que a média mundial. No lugar dos 600 mil mortos por Covid, oficialmente registrados, teríamos algo como 130 mil óbitos.

POLÍTICAS PROPOSITALMENTE GENOCIDAS

Podemos estimar, apenas baseados nas estatísticas oficiais, que, desde o início da pandemia, 470 mil pessoas morreram em função de políticas governamentais como as seguintes: subestimar a Covid, lutar ativamente contra as medidas de distanciamento social, boicotar o uso obrigatório de máscaras, ter uma baixíssima disponibilização de testagem, resistir à concessão de auxílio financeiro para permitir que trabalhadores e trabalhadoras ficassem em casa, demorar e usar da corrupção na compra de vacinas, se negar em lutar na Organização Mundial do Comércio (OMC) pela quebra das patentes das vacinas e apelar à grosseria xenofóbica contra a China para tentar desqualificar a Coronavac, dentre muitas outras ações.

O objetivo de Bolsonaro era atingir a famosa "imunidade de rebanho"; ou seja, deixar os casos se espalharem na população que "naturalmente" alcançaria um ponto de saturação, fazendo com que a epidemia abrandasse e, talvez, desaparecesse. Isso resultou em milhares de mortes desnecessárias, mas também em outro problema grave: as sequelas físicas e mentais, deixadas pela Covid, que, agora, milhões de pessoas que foram contaminadas estão apresentando.

Tadeu Frederico Andrade, em depoimento na CPI contou que após um mês de internação na UTI, uma médica telefonou para sua filha informando que ele seria submetido a "cuidados paliativos" com o "kit covid". A recusa da sua família a essa orientação salvou sua vida.

LUCRO ACIMA DA VIDA

Kit-Covid para diminuição de custos

Uma das bases de aplicação destas políticas genocida foi o uso das "fake news" para divulgar um pretenso tratamento precoce da Covid-19. Foi criado até um "Kit-Covid", composto por Cloroquina, Ivermectina e Azitromicina, e feita uma extensa propaganda nas redes sociais bolsonaristas de sua suposta eficácia.

Até hoje, há defensores do uso deste "kit", por mais que ele tenha sido fortemente desaconselhado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e por diversos trabalhos científicos ao redor do mundo. Além de não protegerem ou curarem, os medicamentos que compõe o "kit" possuem potenciais efeitos colaterais que podem ser danosos aos usuários. No caso da Cloroquina, preocupam os efeitos cardiológicos; no caso da Ivermectina, os efeitos tóxicos sobre o fígado; e, no que tange à Azitromicina, o desenvolvimento de resistência bacteriana pelo uso excessivo deste antibiótico.

NEGACIONISMO E FALTA DE ÉTICA A SERVIÇO DO LUCRO

É aí que entra a Prevent Senior, um plano de saúde privado que teve crescimento intenso nos últimos anos. Bem no início da pandemia, ocorreram várias mortes em um dos hospitais da Prevent. Logo em seguida, a direção da empresa promoveu uma política de pressionar seus médicos a usarem o Kit-Covid e chegaram ao cúmulo de enviar o "kit" para a casa dos pacientes com Covid-19. Para piorar, fizeram uma suposta "pesquisa" (sem critérios científicos sérios) para provar a eficácia deste tratamento precoce.

Essa pesquisa foi muito divulgada pelas redes sociais bolsonaristas, com o objetivo de retardar a compra de vacinas e de boicotar as políticas de distanciamento social promovidas por estados e municípios. Esse levantamento foi uma total quebra de qualquer paradigma científico, pois metade dos participantes sequer foi consultada se queria ou não fazer parte do experimento.

O boicote ao distanciamento social se dava para garantir que a economia funcionasse normalmente, à custa do adoecimento e da morte de centenas de milhares de brasileiros. É claro que, havendo remédios que pretensamente combatessem ou atenuassem a gravidade da Covid-19, os trabalhadores poderiam ir trabalhar normalmente, usar os meios de transporte públicos sem medo de aglomerações, consumir tranquilamente nos supermercados e frequentar estádios de futebol ou espetáculos musicais.

A falta de ética na Prevent (e também na Hapvida, uma das maiores empresas de saúde, com principal base na região Nordeste do Brasil) chegou ao ponto de não colocarem o diagnóstico de Covid-19 nos atestados de óbito de vários pacientes que morreram devido ao vírus. Procedimento adotado até mesmo com conhecidos bolsonaristas, como no caso da mãe do empresário Luciano Hang (o véio da Havan) e do médico Antony Wong.

ALTA POR MORTES

Este emaranhado de fatos foi denunciado à CPI pela advogada Bruna Morato e ratificado pelo médico Valter de Souza Neto e por um ex-cliente da Prevent, Tadeu de Andrade. O médico reafirmou a acusação de obrigatoriedade do uso do "kit", além da falta de materiais de proteção para os trabalhadores da saúde no início da pandemia. Foi relatado, inclusive, que profissionais doentes foram obrigados a atender pacientes.

No caso do ex-cliente, a acusação é de que a Prevent tentou fortemente induzir a família a autorizar a colocá-lo em cuidados paliativos; ou seja, o tratamento deixava de ter como objetivo curar o paciente e passava a ser só para aliviar os sintomas de sofrimento, aguardando sua morte. A família não aceitou o tratamento paliativo (que chegou a constar no prontuário do paciente) e Tadeu de Andrade sobreviveu para contar a história.

FALÁCIA

Não era autonomia médica, mas assassinato premeditado

Na CPI, também foram narrados alguns mecanismos de gestão de pessoal da Prevent, inclusive um hino da empresa com clara inspiração fascista. Tudo para criar um ambiente de alta produtividade e a obediência cega dos profissionais. O curioso é que, agora, a empresa se defende usando o argumento da "autonomia médica" para explicar o uso indiscriminado do Kit-Covid. Segundo este argumento, o médico pode prescrever o que quiser se, em sua experiência, tiver tido bons resultados com determinados procedimentos.

Este argumento é claramente falacioso, pois não se trata de uso de procedimento inofensivo (sem efeitos colaterais) e, sim, de procedimento condenado pela OMS e renomados centros de pesquisa do mundo todo. E o argumento é ainda mais falacioso porque, na realidade, quem perdeu claramente sua autonomia foram os médicos obrigados, pela Prevent, a prescrever o Kit-Covid contra sua vontade. Neste caso especifico, o Conselho Federal de Medicina (CFM) deixou de zelar pela autonomia médica e de zelar pela saúde da população brasileira, descumprindo claramente suas funções determinadas legalmente.

BOLSONARO E QUEIROGA

O que está ruim sempre pode piorar

Por fim, não é possível deixar de citar mais algumas novidades do universo Bolsonarista. Queiroga, cada vez mais ameaçado de perder o cargo de ministro, passou a defender a posição contrária ao uso de máscaras, para agradar o presidente. Chegou a comparar o uso de máscaras com o de preservativos, o que beira o ridículo.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) também denunciou como grave infração ética a pesquisa clínica feita com a Proxalutamida, medicação usada no câncer de próstata. Esta substância foi usada em um experimento feito na Amazônia, com portadores de Covid, novamente sem critérios éticos e científicos e foi patrocinada pela rede de hospitais privados Samel. Entre os vários procedimentos duvidosos, o que chama mais atenção foi o de continuar recrutando voluntários para a pesquisa apesar do grande número de óbitos constatados. É importante assinalar que esta medicação também foi exaltada por Bolsonaro em suas "lives" e, finalmente, teve seu uso proibido em pacientes de Covid pela Anvisa.

O QUE FAZER?

Punição aos responsáveis, expropriação e estatização da Prevent Senior

Frente a todos estes escândalos, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) aventou a possibilidade de uma intervenção para "acompanhar" os procedimentos da Prevent e sua forma de gestão. É obviamente muito pouco frente aos fatos escandalosos denunciados. É necessária uma intervenção mais firme, que caminhe para uma auditoria rigorosa da forma de funcionamento e gestão desta empresa e culmine na sua expropriação, estatização e gerenciamento através do Sistema Único de Saúde, para o bem da saúde de seus usuários. Durante a auditoria, os direitos dos clientes devem ser integralmente garantidos.

É preciso, também, que, se forem comprovadas as acusações, os proprietários e gestores da alta cúpula da empresa sejam encaminhados para julgamento e punidos exemplarmente.

As conclusões que podemos tirar destes verdadeiros absurdos são de que, em primeiro lugar, a verdadeira ciência não pode ser influenciada por ideologias ou vertentes políticas. Ela tem seus métodos próprios que foram forjados em centenas de anos de experimentos. Em segundo lugar, a ideologia de que o capitalismo traz progresso científico graças à competição é de uma falsidade atroz. Os donos da Prevent Senior e da Hapvida, que fazem parte da nata da burguesia brasileira e enriqueceram muito no decorrer da pandemia, estão aí para mostrar que capitalismo não rima com saúde pública.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2YL9Y0P

ARGENTINA

Julgamento de ativistas começa no dia 18 e ato unitário exige liberdade de todos

DA REDAÇÃO

No próximo dia 18 de outubro começa o julgamento de Sebastián Romero, Daniel Ruíz e Cesar Arakaki, ativistas sociais da Argentina e perseguidos pelas autoridades do país desde dezembro de 2017. Sebastián Romero e Cesar Arakaki estão presos aguardando o julgamento. Já Daniel Ruíz foi libertado após mais de um ano preso e também aguarda julgamento.

Todos esses ativistas foram presos e perseguidos por participarem de um grande protesto, em 18 de dezembro de 2017, contra a reforma da Previdência do então governo Macri. Suas prisões são parte do processo de criminalização das lutas e dos lutadores no país.

Sebastián Romero, que é militante do PSTU argentino, foi preso em junho de 2020. Após uma intensa campanha, dentro e fora do país, conquistou o direito à prisão domiciliar, em agosto do mesmo ano. Ele continua sendo um prisioneiro político, mas agora sob o governo de Alberto Fernández.

Brutal repressão do governo Macri à manifestantes que lutavam contra a reforma da previdência.

Sebastián Romero no dia 18 de dezembro de 2017.

O ativista ficou conhecido no país por uma foto que viralizou na internet. Nela, ele estava segurando um rojão usado contra a repressão policial. "Eu estava me defendendo com um foguete vendido livremente, a polícia estava armada com balas de borracha, gases lacrimogêneos, motos, caminhões lança-água. A relação de forças era muito diferente", explicou. Sebastián ainda diz que ele e outros ativistas tentavam "frear a repressão, porque estávamos encurralados, sem saída para nenhum lado".

Naquele 18 de dezembro, a brutal repressão policial deixou centenas de feridos, e dezenas de manifestantes foram presos. As prisões e perseguições foram acompanhadas por uma imensa campanha midiática que associava os lutadores a criminosos. Sebastián chegou a ser chamado de terrorista pela imprensa burguesa, enquanto sua imagem viralizava. No entanto, ela também ganhou a simpatia da população, que viu na imagem uma legítima ação de autodefesa. Em julho deste ano, a Câmara Federal de Buenos Aires recusou-se a libertar Sebastián.

Já Daniel Ruiz, também militante do PSTU Argentina, foi preso em 2018 e acusado de acobertar Sebastián Romero. O objetivo, como ele mesmo explica, foi torná-lo "refém do Estado" para que Sebastián se entregasse. Graças a uma campanha internacional, foi libertado quase 13 meses depois de ser preso.

Daniel Ruiz

ATO UNITÁRIO

Os ativistas que enfrentam julgamento no dia 18 estão sendo usados pela burguesia como exemplo. "Ousem lutar pelos seus direitos que o seu destino será a prisão", esse é o recado. Por isso querem condená-los.

Esse temor da burguesia cresce proporcionalmente ao aumento da fome, da miséria e inflação no país. A burguesia sabe que, após as eleições, terá que aplicar seus acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o que vai resultar em um profundo ataque aos trabalhadores.

O julgamento, denunciam os advogados dos ativistas, está repleto de vícios a serviço da Promotoria, chefiada por Juan García Elorrio e autorizada pelo juiz Javier Ríos. Para se ter uma ideia, o juiz permitiu a apresentação de mais de cem testemunhas, em sua maioria policiais, enquanto aceitou apenas duas testemunhas para a defesa. E apesar de todas essas irregularidades, a justiça do país não foi capaz de mostrar uma prova que determinasse a culpa dos ativistas.

Por isso tudo, no dia 18 haverá uma grande mobilização unitária pela libertação e absolvição dos presos políticos e de todos os ativistas que têm o direito de protestar, contra a criminalização e a defesa dos seus direitos.

Em nota, o PSTU argentino afirma que não espera absolutamente nada de bom da justiça. "Longe de defender os trabalhadores, ela existe para acobertar os interesses do poder", explica o partido.

"Vamos continuar impulsionando a auto-organização dos setores em luta e a necessidade de nos defendermos da repressão do Estado por meio de suas forças de segurança, como fizemos em 18 de dezembro de 2017", explica o partido.

A organização defende que a luta é o único caminho para os trabalhadores resistirem contra os ataques. "Precisamos nos organizar para termos terra, direito a uma casa, ter alimentos, combater a violência machista e impedir o saque de nossos recursos naturais." A nota do partido finaliza exigindo a libertação de todos os presos políticos no país e a anulação de todos os processos que criminalizam a luta social.

"Enquanto empresários e corruptos passam seus dias tranquilos esperando por uma sentença de julgamento, os lutadores são primeiro presos, e só muito depois a sentença será conhecida. Ninguém vai devolver os dias de prisão desses ativistas, mas nenhum trabalhador se esquecerá disso, e logo a classe operária fará justiça popular contra todos os responsáveis políticos e policiais".

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2XEQZT4

mural

RACISMO

Polícia norte-americana arrasta negro paraplégico

Um novo caso de racismo explícito chocou novamente os EUA. Clifford Owensby, de 39 anos, foi parado pela polícia na cidade de Dayton, em Ohio. Mesmo argumentando ser paraplégico, Clifford recebeu ordens para deixar o veículo. Impossibilitado de obedecer a ordem, o homem negro foi violentamente puxado pela polícia e arrastado pelos braços e cabelos. O caso ocorreu em setembro, mas as imagens absurdas só foram divulgadas no último dia 11.

“Eles me arrastaram para seu veículo como um cachorro, um lixo”, afirmou Clifford, cujo filho estava no carro e assistiu toda a cena. Os policiais agressores afirmam que investigavam a presença de drogas no veículo de Clifford, e defenderam a ação: “Às vezes a prisão de um indivíduo que não coopera não é agradável”. Nada de ilegal foi encontrado no veículo.

Esse novo caso de racismo mostra que, após o brutal assassinato de George Floyd, a violência policial racista permanece uma constante na vida de negros e negras nos EUA.

FOME E INJUSTIÇA

Presa por roubar dois pacotes de miojo para seus filhos

Um mesmo caso absurdo é bastante revelador sobre a crise e o país em que vivemos. Uma mulher, mãe de cinco filhos, foi presa no dia 29 de setembro em São Paulo por furtar dois pacotes de miojo, um refrigerante pequeno e um suco em pó de um mercado. Os produtos somavam um valor aproximado de R$ 20.

Parasse por aí já seria um escândalo: uma mulher com fome sendo detida por furtar alimentos para si e seus filhos. Mas a barbárie prossegue. Além de ser detida, ela permaneceu presa preventivamente por duas semanas, a pedido da Promotoria. Dois pedidos de habeas corpus feitos pela Defensoria Pública foram negados, em primeira e segunda instância, para proteger “a ordem pública”, segundo o juiz. Só após a repercussão do caso e a indignação geral, um ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) mandou soltar a mulher.

Além da fome crescente, o caso mostra como funciona essa justiça dos ricos, que deixa os grandes corruptos livres e persegue pobres e negros.

FOI PARA O ESPAÇO

Mais um ataque à Ciência

Em plena pandemia, quando a importância do investimento em ciência e tecnologia se torna mais evidente que nunca, o governo, através do Congresso Nacional, cortou nada menos que 99% das verbas direcionadas ao setor através do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

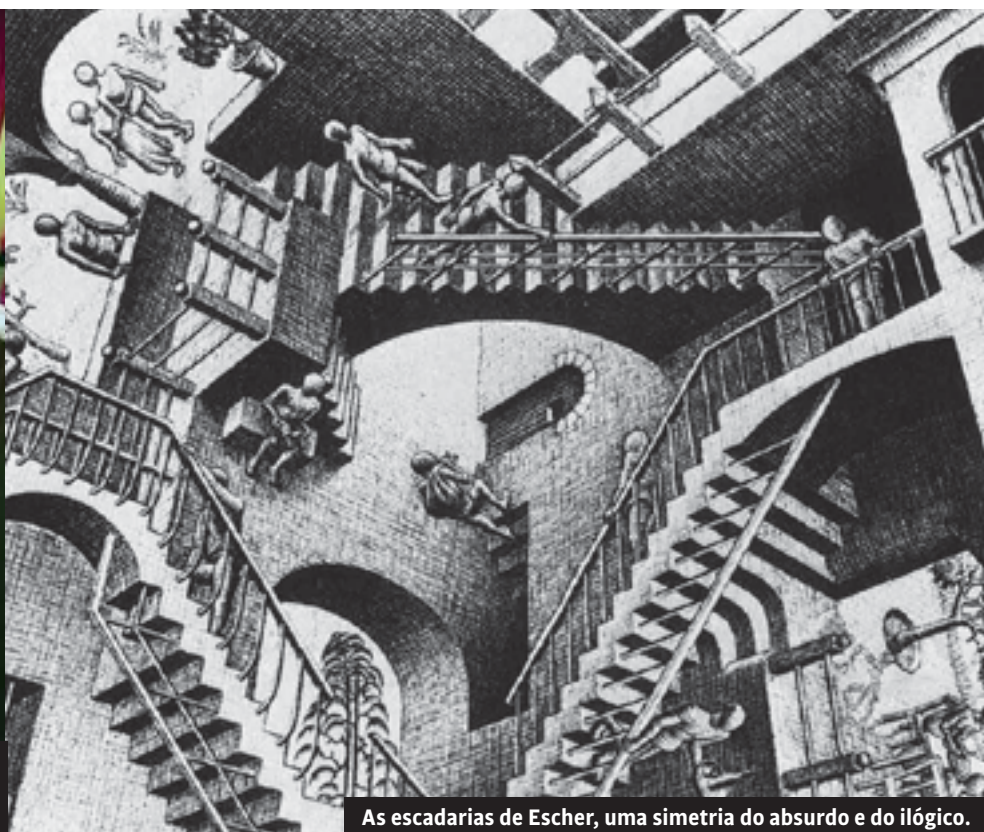
São R$ 600 milhões que inviabilização a já agonizante ciência no país, como denunciam as entidades do setor. Com esse facão, fica ameaçadas bolsas do CNPq. O vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), resumiu, desta forma, a medida: “Diziam que só nos tinham sobrado as migalhas, mas agora decidiram levar embora até as migalhas”.

O ex-astronauta e vendedor de travesseiros e atual ministro, Marcos Pontes, chegou a ensaiar uma crítica aos cortes, mas logo botou o rabo entre as pernas e reafirmou ser capacho de Bolsonaro.

BATATINHA 1, 2, 3...

Round 6: A falsa liberdade na concorrência entre desiguais

Rejeitada em 2009, série sul-coreana se tornou, em poucos dias, uma das mais vistas da história da Netflix

Tal como as escadas de Escher, os jogos em Round 6 e a livre competição (na qual se baseia o capitalismo), parecem organizadas, lógicas, capazes de garantir igualdade e liberdade... mas não passam de uma falsa simetria. Um completo absurdo que esconde a violência e a barbárie na qual se apoiam.

As escadarias de Escher, uma simetria do absurdo e do ilógico.

JORGE H. MENDOZA, DE SÃO CARLOS (SP)

Nos últimos dias, um fenômeno tomou conta das plataformas de transmissão: a série sul-coreana Round 6 quebrou quase todas as marcas de sucesso da Netflix. Em poucos dias, já desponta como candidata à série mais vista da história da plataforma. Um sucesso total. E o fato é ainda mais impressionante por dois motivos: primeiro, é uma série que não é falada em inglês, contrariando quase um século de hegemonia estadunidense no setor; e, segundo, a série foi escrita em 2009, quando foi rejeitada pelos investidores.

Todo esse sucesso não é à toa. Round 6 consegue fazer um vasto diálogo com grandes temas do cinema e da arte, como a crítica da decadência social e o debate sobre aspectos de uma suposta natureza humana (veja a análise completa no site). De quebra, ainda dá margem para críticas ao capitalismo, embora não as faça explicitamente. E tudo isso com uma estética provocativa, com cara de videogame, e sem abrir mão do melhor do cinema asiático, como expressões marcadas, cenas intensas de ação e uma violência exagerada, com toques de humor cínico.

UM ENREDO SANGRENTO

O mote da série não é novo, é verdade. A premissa é simples: pessoas fracassadas, totalmente endividadas e sem perspectivas, aceitam participar de jogos que prometem um prêmio gigantesco (cerca de R$ 200 milhões, uma Mega-Sena acumulada) e uma alternativa de enriquecimento rápido que resolveria todos os problemas. Os jogos são brincadeiras infantis tradicionais na Coréia do Sul e a cada etapa os jogadores vão sendo eliminados. Literalmente. Claro, eles só descobrem isso depois que os jogos começam e o sangue já está jorrando pela tela.

Mas se enganam aqueles que veem isso como expressão da barbárie. É tudo muito bem estruturado e na maior parte do tempo todos os cenários têm um aspecto bem organizado e higiênico (nada como uma parede branca para valorizar o sangue espirrado). E o jogo tem regras claras e é muito bem disciplinado. Os jogadores podem, inclusive, interromper a competição e voltarem para casa, desde que organizem uma votação e a maioria escolha por isso. Da mesma forma, podem decidir livremente voltar para o jogo macabro.

TODOS AQUI SÃO LIVRES E IGUAIS

Em um determinado momento um dos jogadores afirma algo como: "lá fora nós éramos fracassados, mas, aqui, pelo menos podemos ser quem a gente é e tentar um destino diferente". A frase sintetiza bem o dilema colocado pela série. Os jogadores são livres para escolher, mas as opções são o mundo decadente "lá fora", imerso no fracasso e nas dívidas, ou a distopia (uma antiutopia; ou seja, uma sociedade mergulhada na opressão, exploração, privação de liberdade etc.) totalitária dos jogos pagos com a vida. Qualquer semelhança entre a crise do capitalismo e a ascensão de governos autoritários não é mera coincidência.

Esse, aliás, é o ponto que explica o porquê da série ter sido rejeitada em 2009 e fazer tanto sucesso hoje. O diretor Hwang Dong-hyuk contou, em uma entrevista, que se baseou em um momento difícil da própria vida, quando estava endividado, para fazer o roteiro. "Pensei que naquele momento, se houvesse um jogo assim, eu jogaria", declarou. Mas o projeto foi rejeitado por ser muito bizarro.

Mas 11 anos depois, com o aprofundamento da crise econômica, diminuição da renda, aumento do endividamento, da miséria e com a pandemia matando milhões de pessoas, a situação mudou. É verdade que nossas vidas nunca valeram muito para o punhado de bilionários que controlam o capitalismo. Mas é verdade, também, que a cotação nunca foi tão baixa. Vejam como trata e quanto vale uma vida para Prevent Senior.

Nossas vidas valem tão pouco para o capitalismo que o enredo de Round 6 saiu da rejeição para o sucesso. E não foi a série que deixou de ser bizarra. Foi o mundo que se tornou ainda mais bizarro. E isso tem nome: crise do capitalismo. Um regime desumano que descarta vidas e mais vidas em uma suposta "liberdade de escolha e competição".

CINEMA, UM SONHO COLETIVO

Como tudo na vida, filmes e séries também fazem parte da História. E, por isso, acabam refletindo o momento histórico em que foram feitos. É interessante pensar que cada época tem, no cinema, seus vilões. Hoje, estão voltando às telas filmes sobre o colapso ambiental, o pós-apocalipse e a distopia digital. Vejam, por exemplo, as regravações de Mad Max, Blade Runner, Duna (ainda por lançar). Até King Kong e Godzilla foram trazidos de volta.

Vejam, também, o sucesso que estão fazendo as séries com psicopatas e serial killers. Voltamos a por nas telas o fim do mundo e a morte da humanidade. E isso tem um duplo sentido. É, ao mesmo tempo, o medo do mundo se acabando e a vontade de acabar com um mundo injusto e desigual. A arte é o sintoma dos tempos. Round 6 é bizarro? Talvez. Mas é uma boa expressão do nossos dias. Vale a pena.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2YHHPAQ

CONFIRA

Leia o artigo completo no site:
Opinião: Round 6 é feliz ao propor muitos debates sem abrir mão de um bom entretenimento"